

ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS DO JORNAL O GLOBO SOBRE A SOCIEDADE CHINESA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19



XUEWU CHEN

Universidade Politécnica de Macau, Macau - China

ORCID: 0000-0001-7595-072X

DOI: 10.25200/BJR.v21n1.2025.1716

Recebido em: 09/07/2024

Desk Review em: 16/08/2024

Editor de Desk Review: Lia Seixas

Revisado em: 28/10/2024

Revisado em: 20/11/2024

Approved em: 21/11/2024

Como citar este artigo: Chen, X. (2025). NEWS FRAMINGS OF O GLOBO REGARDING CHINESE SOCIETY DURINGTHE COVID-19 PANDEMIC. *Brazilian Journalism Research*, 21(1), e1716. DOI: 10.25200/BJR.v21n1.2025.1716

RESUMO – O presente estudo visa explorar os enquadramentos noticiosos sobre a sociedade chinesa durante a pandemia de covid-19 na imprensa brasileira, com foco no jornal diário O Globo. Baseando-se na teoria de enquadramento noticioso e no método analítico de pacote interpretativo, a investigação desenvolveu uma análise sistematizada dos textos noticiosos referentes à sociedade chinesa, publicados pelo jornal entre janeiro de 2020 e janeiro de 2023, no contexto pandêmico. Os resultados da pesquisa revelaram que as 111 matérias jornalísticas analisadas foram estruturadas principalmente em torno de cinco enquadramentos: “pandemia severa”, “medidas draconianas”, “propaganda da vitória”, “crise da ‘Covid zero’” e “censura rigorosa”.

Palavras-chaves: Enquadramento noticioso. Pacote interpretativo. Sociedade chinesa. O Globo. Pandemia de covid-19.

NEWS FRAMINGS OF O GLOBO REGARDING CHINESE SOCIETY DURING THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT – This study aims to explore the news framing of Chinese society during the covid-19 pandemic in the Brazilian press, with a focus on the daily newspaper O Globo.

Based on the theory of news framing and the interpretative package analytical method, the investigation conducted a systematic analysis of news texts related to Chinese society, published by the newspaper between January 2020 and January 2023, within the pandemic context. The research findings revealed that the 111 analyzed journalistic articles were primarily structured around five frames: "severe pandemic", "draconian measures", "victory propaganda", "Zero-Covid crisis", and "strict censorship".

Keywords: News framing. Interpretative package. Chinese society. O Globo. Covid-19 pandemic.

ENCUADRES NOTICIOSOS DEL PERIÓDICO O GLOBO SOBRE LA SOCIEDAD CHINA DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19

RESUMEN – El presente estudio tiene como objetivo explorar los encuadres noticiosos sobre la sociedad china durante la pandemia de covid-19 en la prensa brasileña, enfocándose en el periódico diario O Globo. Basándose en la teoría del encuadre noticioso y en el método analítico del paquete interpretativo, la investigación desarrolló un análisis sistemático de los textos noticiosos relativos a la sociedad china, publicados por el periódico entre enero de 2020 y enero de 2023, en el contexto pandémico. Los resultados del estudio revelaron que los 111 artículos periodísticos analizados estaban estructurados principalmente en torno a cinco encuadres: "pandemia severa", "medidas draconianas", "propaganda de la victoria", "crisis del Covid cero" y "censura rigurosa".

Palabras clave: Encuadre noticioso. Paquete interpretativo. Sociedad china. O Globo. Pandemia de covid-19.

1 Introdução

A evolução econômica, desde a década de 1990, transformou a China na segunda maior economia global da atualidade. A expansão econômica global do país ampliou, em paralelo, a sua influência internacional de forma notável (Kastner & Pearson, 2021, p. 19). O impacto geopolítico do país asiático já transcendeu suas fronteiras regionais, irradiando-se em escala global (Wang et al., 2016). A ascensão chinesa, portanto, pode ser considerada um elemento-chave na formação de uma nova ordem mundial, uma vez que o país não faz parte do centro sistêmico tradicional (Pennaforte et al., 2020).

Desde 2009, a China consolidou-se como o maior parceiro comercial brasileiro. Segundo dados do governo brasileiro (www.gov.br/pt-br), em 2023, o comércio bilateral atingiu a marca histórica de US\$ 157 bilhões, com um superávit inédito para o Brasil de US\$ 51 bilhões. No entanto, apesar da relação econômica favorável, as divergências ideológicas ocasionam atritos esporádicos. Um exemplo disso foi a

postura do ex-ministro das Relações Exteriores do governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, que afirmava que a China não buscava apenas relações comerciais, mas também a exportação de seu modelo social, contrário à liberdade e à democracia ocidentais (Cruz, 2023, p. 14). Contudo, a relação sino-brasileira permanece robusta em geral. As duas nações também cooperam no âmbito dos BRICS, G-20, Nações Unidas e em diversos outros fóruns internacionais.

No nível social, no entanto, o entendimento da sociedade chinesa por parte dos brasileiros ainda carece de profundidade e abrangência (Gaiotto, 2019; Chen, 2020). Consta-se que a percepção dos brasileiros sobre a China é, em grande medida, moldada pela mídia, especialmente jornais e telejornais (Freita, 2014). Neste contexto, a mídia desempenha um papel crucial na disseminação do conhecimento sobre o país e na formação da imagem chinesa no Brasil. Com o passar do tempo, tornou-se notável o crescente interesse da imprensa brasileira pela China (Yan, 2017).

Durante o período pandêmico da covid-19, a mídia brasileira continuou acompanhando de perto os acontecimentos na China, reportando uma série de eventos relevantes na sociedade chinesa a partir da própria perspectiva. A China foi o primeiro país do planeta a detectar o surto do novo coronavírus, e o último a revogar as políticas sanitárias com o objetivo de eliminar o vírus no seu território. Desde o início da propagação do vírus em Wuhan, em dezembro de 2019, até o final de 2022, quando o governo chinês resolveu afrouxar a política de “covid zero”, o país vivenciou cerca de três anos, lutando contra esta calamidade sanitária. A pandemia da covid-19 não trouxe apenas repercussões de ordem biomédica e epidemiológica, mas de efeitos e transformações sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos (Marques et al., 2020, p. 241). Neste sentido, não há como contornar tal acontecimento discursivo quando se estuda a cobertura jornalística sobre a China. Dada a vasta disparidade cultural e política entre Brasil e China, há ainda significados especiais a investigar sobre como a mídia brasileira cobriu a sociedade chinesa – em uma hipótese de que a imprensa brasileira abordou a China de forma distinta de como a mídia chinesa reportou o próprio país.

Atualmente, há uma lacuna no que tange às pesquisas sobre a cobertura da sociedade chinesa pela mídia brasileira durante a pandemia. Existem estudos que se restringem à análise da construção discursiva da China por parte dos jornais brasileiros apenas no início da pandemia, ou pesquisas que se dedicam a investigar a imagem chinesa sob a ótica da produção e disseminação de notícias falsas (Nunes, 2022; Sacramento

et al., 2020; Urbano et al., 2020). Até o momento, não foram realizados estudos abrangentes que investiguem a cobertura da sociedade chinesa durante os três anos da pandemia. Em termos teóricos e metodológicos, tampouco foram aplicadas a teoria de enquadramento e os métodos de pacote interpretativo na análise da cobertura deste tema específico. O nosso artigo propõe-se utilizar os materiais do jornal O Globo como ponto de partida para uma análise detalhada dos enquadramentos e características da cobertura destinada à sociedade chinesa nesse contexto pandêmico.

2 Enquadramento noticioso e pacote interpretativo

O Globo abordou de modo multifacetado a sociedade chinesa durante a pandemia, abarcando uma variedade de temáticas. Embora esses tópicos estivessem interconectados em certa medida, os pontos de interesse foram dispersos. Como articular essas matérias com focos distintos para analisar a cobertura da sociedade chinesa neste período específico? A teoria de enquadramento noticioso trouxe uma perspectiva teórica para a nossa análise.

A noção de enquadramento foi inicialmente proposta por Gregory Bateson (1955), que a concebeu como um modo cognitivo dos indivíduos quanto à realidade. Segundo este antropólogo, os enquadramentos operam como uma forma de metacomunicação, permitindo aos atores envolvidos no processo comunicativo compreenderem o que ocorre em determinada situação, a partir de contexto familiar. Erving Goffman introduziu o conceito de enquadramento no campo da Sociologia. Goffman (1974) afirmou que os enquadramentos se referem aos marcos interpretativos construídos socialmente, que permitem às pessoas atribuírem sentidos e explicações aos acontecimentos e situações sociais. Na década de 1980, o conceito de enquadramento começou a exercer impactos sobre a área de comunicação de massa, sobretudo com as contribuições teóricas de Todd Gitlin (1980), Robert Entman (1993) e William Gamson (1992), entre outros estudiosos deste campo.

A definição de Gamson (1992) se destacou como a mais inspiradora para esta pesquisa. No artigo *Media images and the social construction of reality*, Gamson (1992) sustentou que o conceito de enquadramento noticioso possui significados em dois níveis. O primeiro consiste em “limite” (*boundary*), isto é, a determinação do escopo de notícias/reportagens, utilizando principalmente estratégias de seleção para escolher diferentes fatos ou atributos a serem enfatizados. O se-

gundo considera o enquadramento como uma estrutura latente (*frame as a latent structure*), que constrói e completa os significados, por meio da utilização de símbolos e reorganização de elementos noticiosos, de acordo com determinada lógica. Em suma, a seleção de assuntos a serem noticiados e a utilização de símbolos como meio de representação são ambas práticas orientadas por enquadramento, que funciona como “ideia organizadora central” (Gamson & Modigliani, 1989, p. 3).

A abordagem do pacote interpretativo desenvolvido por Gamson e Modigliani (1989) é considerada um dos métodos mais promissores entre diversos métodos da análise de enquadramento, dado que põe ênfase à congruência entre métodos analíticos e teorias relacionadas com construção discursiva (Pan, 2006). O conceito de “pacote interpretativo” se refere a um sistema de significados utilizado na discussão de um determinado tema na esfera pública (Gamson & Modigliani, 1989). Os autores dividem os elementos do “pacote interpretativo” em duas partes: dispositivos de enquadramento (*framing devices*) e dispositivos de justificação (*reasoning devices*). Os dispositivos de enquadramento, que contribuem para a compreensão e discussão do tema, incluem: 1) as metáforas; 2) os exemplos; 3) os slogans ou chavões; 4) as descrições e 5) as imagens visuais. Os dispositivos de justificação que proporcionam raciocínio para a questão ou a posição geral compreendem: 6) as origens ou causas; 7) as consequências ou possíveis efeitos; e 8) o apelo a princípios.

A análise de pacote interpretativo segue uma lógica geral que envolve dois passos: a indução e a dedução. Primeiro, na fase de indução, realiza-se uma leitura sistemática dos textos noticiosos para induzir os enquadramentos. Em seguida, na dedução, utiliza-se os dispositivos de enquadramento e os de justificação de modo a analisar e interpretar os enquadramentos. Desta forma, por meio da exploração destinada à retórica e narrativa jornalística, é possível revelar os mecanismos de construção dos enquadramentos (Gamson, 1988).

3 Enquadramentos sobre China e pandemia de covid-19

Para elucidar os enquadramentos das coberturas associadas à China, recorreremos a uma revisão da literatura que aborda a representação chinesa em *mainstream media* de diversos países. Entre os veículos de comunicação de países como EUA, Alemanha, França, Cazaquistão, Vietnã e Brasil, prevalecem três enquadramentos noticiosos: o ideológico (Cheng, 2021; Huang, 2021; Yan, 2017), o de interesse nacional (Xu,

2022; Yan, 2017) e o de valores culturais (Liu, 2021; Xu, 2022; Yan, 2017). Constatase, nesta questão, a permanência do orientalismo enquanto base discursiva na mídia brasileira (Nunes, 2022; Urbano et al., 2020). Quanto ao conteúdo, as abordagens produzem uma imagem dual da China, que alterna entre representações positivas – como potência econômica e ator global responsável (Huang, 2021; He, 2020; Yan, 2017; Wu, 2014) – e negativas, atreladas a autoritarismo, falta de democracia e degradação ambiental (He, 2020; Li & Liu, 2021; Yan, 2017).

No tocante aos enquadramentos noticiosos da pandemia, embora haja uma produção acadêmica limitada sobre o tema, é possível realizar uma comparação dos enquadramentos da mídia chinesa e da brasileira. Botelho et al. (2020, p. 10) examinaram as narrativas do telejornal brasileiro *Jornal Nacional*, identificando oito pacotes interpretativos: “coronavírus e estatísticas no Brasil”, “possibilidades de tratamento, vacinas e testagem”, “coronavírus e as polêmicas de Bolsonaro e seu governo”, “coronavírus e medidas de isolamento social”, “covid-19 e cobertura internacional”, “autorreferencialidade midiática”, “covid-19 e relatos de humanização” e “covid-19 e impactos na economia”. Wang (2022, p. 18), ao investigar os enquadramentos da revista chinesa *China Newsweek*, delimitou quatro pacotes interpretativos: “*knowledge dissemination*”, “*epidemic progress*”, “*epidemic impact*” e “*scientific research achievements*”. As divergências entre os enquadramentos evidenciaram diferenças nos focos de interesse: enquanto a mídia brasileira se concentra em problemas e crises, a mídia chinesa prioriza a promoção de resultados e conquistas.

4 Recolha de dados no jornal O Globo

Para estabelecer o *corpus* do estudo empírico, recorremos a um jornal diário de circulação nacional no Brasil, O Globo, que tem sido um dos jornais mais lidos no país. Segundo os números auditados pelo Instituto Verificador de Comunicação (<https://ivcbrasil.org.br/>), O Globo liderou o ranking em circulação total (digital e impressa) entre os veículos brasileiros em 2021 e 2022, com 373.138 assinantes em 2021, e 371.384 em 2022. O jornal ficou na segunda colocação nesse ranking em 2020 e 2023, quando a circulação total era de 341.738 e de 400.693, respectivamente. Além disso, entre 2020 e 2023, O Globo foi a única mídia brasileira, e mesmo sul-americana, que possuiu a vantagem de ter correspondente credenciado no continente chinês¹.

Na etapa de coleta de dados, utilizamos “China e chineses”

como termos de busca, no intervalo temporal de 1 de janeiro de 2020 a 31 de janeiro de 2023. A pesquisa foi realizada no acervo digitalizado do jornal (<https://oglobo.globo.com/acervo/>). Excluindo os materiais com baixa relevância para a China, o resultado inicial registrou 758 matérias associadas ao país. Essas matérias abordaram a China em uma variedade de dimensões, como política, diplomática, econômica, social, tecnológica, entre outras, encaixando-se em tópicos que incluem, mas não se limitam a: pandemia, 5G, geopolítica e situação de Xinjiang. Nesse contexto, era preciso realizar um recorte mais específico no sentido de selecionar apenas as matérias voltadas para a sociedade chinesa sob o impacto de covid-19. Procedemos a este afunilamento e, desta forma, finalmente formamos um *corpus* de 111 matérias.

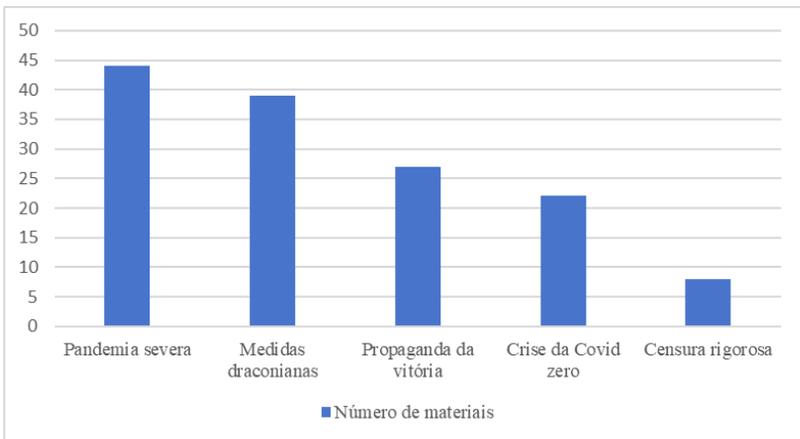
5 Os enquadramentos noticiosos de O Globo durante o período pandêmico

Através da análise do *corpus*, é possível delinear, em uma perspectiva macro, a trajetória da pandemia na China ao longo de cerca de três anos. Inicialmente, eclodiu e o novo coronavírus foi detectado em Wuhan no fim de 2019 e início de 2020, o qual rapidamente se disseminou por toda a cidade e vários pontos do território chinês. O governo local implementou *lockdown* e restrição de mobilidade como forma de contenção do vírus. Sob a coordenação do governo central, uma mobilização nacional logrou controlar a disseminação, culminando na gradual restauração da ordem social e na declaração, na segunda metade de 2020, da vitória sobre a calamidade. No entanto, à medida que o tempo avançava, surgiram novas variantes do vírus, incluindo Delta e Ômicron, as quais impuseram novos desafios para o controle pandêmico, o que resultou em surtos intermitentes no país. Não obstante, o governo chinês persistiu em uma política de “covid zero”, que se apoiou em ampla testagem, rastreamento, isolamento e vacinação. Apesar de tal política ter contribuído para a preservação de vidas em um ano e pouco, o prolongado período de confinamento e os problemas dele derivados geraram considerável descontentamento na população, manifestado em protestos no final de 2022. Eventualmente em resposta a isso, o governo chinês abandonou essa estratégia e optou por adotar uma abordagem de coexistência com o vírus.

A partir dos focos que se mostram em título e texto de cada

matéria do *corpus*, extraímos, sob a perspectiva de macroestrutura, cinco enquadramentos de nível alto, que se referem à direção global dos textos noticiosos (Zang, 1999). Esses cinco enquadramentos são, nomeadamente, “pandemia severa”, “medidas draconianas”, “propaganda da vitória”, “crise da ‘covid zero’” e, por último, “censura rigorosa”. É importante mencionar que, devido à correlação do conteúdo desses materiais, uma mesma matéria pode envolver um ou mais enquadramentos. A partir do gráfico 1, pode-se observar a quantidade de matérias relacionadas a cada enquadramento no *corpus*.

Gráfico 1
Número de materiais



Os números são, respectivamente, 44, 39, 27, 22 e 8, sendo o enquadramento de “pandemia severa” o mais relevante, devido à constância da situação, e o de “censura rigorosa” o menos expressivo, no entanto, por sua vez, demonstrou um olhar próprio do jornal diante dos acontecimentos.

5.1 Pandemia severa

O enquadramento de “pandemia severa” surgiu, sobretudo, na fase inicial da epidemia em 2020, e ressurgiu com a emergência das variantes Delta e Ômicron em 2022, se agravando significativamente no fim de 2022 e início de 2023, após o afrouxamento das medidas restritivas. Este enquadramento narra as vicissitudes enfrentadas pela China devido à gravidade da pandemia, como se sintetiza no quadro seguinte.

Quadro 1

O enquadramento de “pandemia severa”

Enquadramento	Pandemia severa
Metáfora	<ol style="list-style-type: none"> 1. Epicentro da epidemia; 2. Onda de infecções; 3. Explosão de casos; 4. Cidade sob quarentena como cidade fantasma; 5. Um mal que se alastra pelo planeta; 6. Surgimento de novas variante como um balde de água fria nas expectativas de eliminar o vírus.
Exemplo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Mortes por novo vírus superaram as da SARS na China; 2. O novo patógeno ultrapassou MERS como aquele que mais deixou vítimas; 3. Em abril de 2022, Xangai enfrentou o pior surto de covid-19 desde o início da pandemia em dezembro de 2019; 4. No fim de 2022 e início de 2023, a China registrou quase 60 mil mortes por covid em um mês.
Slogan	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desafio sem precedentes; 2. Situação grave; 3. Ameaça grave e iminente para a saúde pública.
Dispositivos de enquadramento	<p>Representação</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Brasileiros pediram ajuda ao governo brasileiro para sair da China e o Brasil mandou aviões para repatriar cidadãos brasileiros em Wuhan; 2. Multinacionais restringiram viagens de negócio à China; 3. Eventos do ano novo lunar foram cancelados em Pequim; 4. Hospitais ficaram lotados e precisaram aumentar o número de leitos; 5. Hong Kong se encontrou em situação de sem caixões disponíveis.
Imagem	<ol style="list-style-type: none">    <p>3. Letalão. Enfermeira chinesa trata paciente com Covid em hospital de Tainan</p>
Causa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vírus desconhecido; 2. Demora inicial na prevenção e controle; 3. Variantes altamente contagiosos como Delta e Ômicron; 4. Baixa taxa de vacinação, sobretudo dos idosos.
Dispositivos de justificação	<p>Efeito</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Medo dos chineses se espalhou mais rápido que o vírus; 2. Recorde de mortes e subnotificação de casos confirmados; 3. A economia chinesa teve queda de 6.8% no primeiro trimestre de 2020, a maior contração desde 1992, e posteriormente o país abriu mão da meta anual de crescimento; 4. O governo chinês adotou medidas draconianas de combate ao vírus.
Apelo a princípio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Mercados onde se juntam gente e bichos em grande proporção e condições precárias não deveriam existir desde que a epidemiologia se consolidou como ciência; 2. O Brasil devia começar a cuidar a saúde da população.

Fonte: O Globo

O novo coronavírus foi inicialmente detectado em Wuhan e, em pouco tempo, acarretou onda de infecções e explosão de casos confirmados, transformando a cidade em um epicentro da epidemia. A retórica utilizada pelo jornal refletiu diretamente a seriedade da situação. O jornal exemplificou a gravidade citando a epidemia de SARS² e de MERS³, cujo número de mortes foi sucessivamente superado pelo novo vírus. No que tange a chavões desse enquadramento, O Globo caracterizou a epidemia como um “desafio sem precedentes” para a sociedade chinesa, referindo-se às descrições como “situação grave” do presidente Xi Jinping, e “ameaça grave e iminente à saúde pública” da autoridade britânica⁴. O jornal representou tal enquadramento remetendo aos fatos de 2020 que retrataram o impacto da epidemia de forma indireta, tais como: 1) os brasileiros pediram ajuda ao governo brasileiro para sair da China e, por consequência, o Brasil enviou aviões fretados para repatriá-los de Wuhan⁵; 2) multinacionais impuseram restrições de viagens de negócios à China⁶; 3) os eventos do ano novo lunar em Pequim foram cancelados⁷.

Embora medidas rigorosas tivessem contido a epidemia na China no início, o surgimento das variantes levou a surtos recorrentes em várias regiões do país, especialmente em 2022, quando O Globo relatou em Xangai o surto “mais grave desde dezembro de 2019”⁸ e a situação fora de controle em Hong Kong, onde a falta de caixões para os numerosos falecidos foi observada⁹. De dezembro de 2022 a janeiro de 2023, devido à alteração drástica das políticas sanitárias chinesas, O Globo citou números divulgados pelo governo chinês indicando 60 mil mortes em um mês¹⁰, destacando novamente o grave impacto da covid-19 no país. Visualmente, estradas desertas devido à epidemia¹¹, pacientes urgentemente transferidos para hospitais de isolamento¹² e hospitais lotados¹³ representaram a sociedade chinesa afetada pela pandemia.

No que diz respeito aos dispositivos de justificação, o jornal apontou que a sociedade chinesa foi severamente impactada pela pandemia devido a fatores objetivos, como o surgimento de um novo coronavírus desconhecido e, posteriormente, de variantes altamente contagiosos, além de fatores humanos, como a ação tardia do governo no início, a insuficiente vacinação, sobretudo dos idosos, e as mudanças abruptas nas políticas. Os efeitos do surto, conforme relatado pelo Globo, foram multifacetados, abrangendo infecções e mortes em larga escala, medidas rigorosas implementadas pela autoridade chinesa, e impacto tremendo na economia chinesa. Dentro desse quadro, os editoriais do jornal fizeram apelos, por exemplo, para o fechamento de mercados de animais vivos em condições

precárias¹⁴ e sobre a necessidade de o governo brasileiro antecipar ações para proteção da saúde pública frente ao novo vírus¹⁵.

5.2 Medidas draconianas

Antes da revogação da política de “covid zero”, no fim de 2022, o enquadramento de “medidas draconianas” ocorria em sintonia com o de “pandemia severa”, explicando-se pela relação de causa e efeito. Este enquadramento ressaltou o rigor das medidas sanitárias implementadas pelo governo chinês em meio à pandemia, como mostra o quadro 2.

Quadro 2

O enquadramento de “medidas draconianas”

Enquadramento	Medidas draconianas
Metáfora	<ol style="list-style-type: none"> 1. Batalha decisiva da China contra covid-19; 2. Guerra popular contra o demônio de covid-19; 3. Xangai parecia uma cidade em guerra, mas sem armas; 4. Liberdade se parecia com uma loteria que depende da sorte de não ter passado por perto de alguém que testou positivo; 5. A campanha contra o coronavírus era considerada como uma corrida de longa distância.
Exemplo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Lockdown de 76 dias em Wuhan; 2. A China fechou fronteiras aos estrangeiros; 3. Os serviços de imigração chineses deixaram de emitir passaportes e outros documentos necessários para viagens ao exterior; 4. A China punia funcionários locais por aumento de casos; 5. Quarentena em Shenzhen e Xangai.
Slogan	<ol style="list-style-type: none"> 1. Guerra ao vírus; 2. Estratégia draconiana de contenção; 3. Tudo sob controle; 4. Tolerância zero; 5. “Covid zero”.
Dispositivos de enquadramento	<ol style="list-style-type: none"> 1. Testes intermináveis, isolamento rígido de casos, rastreamento à exaustão e quarentena; 2. A China era o último país a manter uma política “Covid zero”; 3. Apenas dois contágios locais detectados foram suficientes para levar a capital chinesa a retomar vigilância estrita, com testagem em massa na zona afetada, checagem de temperatura e restrições a visitas; 4. Ao definir o controle da pandemia como uma guerra, o governo relegava os que desviavam das ordens a inimigos da pátria; 5. O estado de alerta virou modo de vida; 6. Enquanto a sensação no exterior era o pior já passou, o clima na China ainda era parecido com guerra; 7. A atitude das autoridades locais foi violenta, chegando ao extremo de separar pais contagiados de seus filhos, até mesmo bebês.
Representação	
Imagem	<ol style="list-style-type: none"> 1. <small>Instagram. Pessoas fazem fila para teste de Covid-19 em hospital em Xangai.</small> 2. <small>Instagram. Barreira de controle de acesso em uma rua de Xangai.</small> 3. <small>Instagram. Pessoa passando por uma barreira de controle de acesso em uma rua de Xangai.</small>

Causa	<ol style="list-style-type: none">1. A escolha da China era simples: saúde acima de tudo, porque um dos valores mais caros ao Partido Comunista é a ordem social;2. Para as autoridades chinesas, esse era um risco menor que o de relaxar e viver sob a ameaça de enfrentar um surto com milhões de casos;3. Ao descartar uma abertura, três razões principais foram citadas: o alto risco de que surjam novas variantes do vírus, o sistema de saúde desigual em diferentes partes do país, e a vulnerabilidade da população idosa, grande parte não vacinada;4. O caráter autoritário do sistema chinês permitiu a imposição de restrições que seriam impossíveis em democracias. A mobilização também foi impulsionada por espírito coletivo e trabalho voluntário;5. A rigidez com que a política de "covid zero" foi implementada tinha a ver com o fato de o controle da pandemia ter se tornado uma das principais formas de julgar o desempenho de quadros.
Dispositivos de justificação	<ol style="list-style-type: none">1. Até outubro de 2020, as infecções diárias por coronavírus caíram drasticamente na China, e a maior parte do país parece ter se recuperado do pior;2. 2021 se tornou o ano em que a China mais cresceu economicamente nos últimos dez anos;3. Até abril de 2022, o país resguardou seu sistema de saúde e poupou vidas, ficando quase um ano sem registrar uma única morte pela doença;4. Houve pessoas sob condições econômicas e sociais desastrosas durante o isolamento;5. Em maio de 2022, dados mostraram que essa batalha intransigente estava prejudicando o crescimento chinês e as empresas internacionais que investiam no país, além de alimentar raras explosões públicas de descontentamento.
Efeito	
Apelo a princípio	<ol style="list-style-type: none">1. Se a saúde era a prioridade da maioria dos governos nessa época, valia olhar as medidas adotadas sem descartá-las por terem sido aplicadas por um regime autoritário;2. A China devia cuidar de imunizar a população;3. A China precisava encontrar o ponto de equilíbrio para sair da "covid zero".

Fonte: O Globo

Diante da severidade da crise, o governo central da China liderou os governos locais na adoção de uma série de políticas sanitárias extremamente rigorosas, travando uma luta intensiva contra o vírus. Neste contexto, o jornal frequentemente reproduziu metáforas popularizadas na sociedade chinesa a fim de acentuar a descrição da severidade das medidas adotadas. Neste sentido, faz uso da comparação da pandemia a uma batalha, da cidade de Xangai sob controle estrito a uma cidade sem armas em tempos de guerra¹⁶, ou da liberdade nesse tempo a um prêmio de loteria¹⁷. Quanto a exemplos para a construção do enquadramento em questão, o jornal fez referência às quarentenas impostas nas cidades de Wuhan, Shenzhen e Xangai, todas com população superior a dez milhões de habitantes, além de outras realidades, para demonstrar o rigor das medidas implementadas: desde a proibição da entrada de estrangeiros na China e da saída de cidadãos chineses do país, até à imposição de sanções a funcionários governamentais, considerados negligentes na prevenção e controle da doença¹⁸. Os slogans mais proeminentes deste

enquadramento eram “guerra ao vírus” e “covid zero” ou “tolerância zero”. Além de destacar diretamente que a China era o último país a manter uma política de “covid zero”, O Globo referenciou ainda a severidade das medidas de forma indireta. Encontram-se referências à mobilização para o estado de alerta máximo devido a um reduzido número de casos confirmados¹⁹, a transgressão das ordens equiparada à traição à pátria²⁰, bem como a separação compulsória de pais e filhos durante o período de isolamento²¹. As imagens associadas a este quadro consistem principalmente em testes²² em larga escala e cidades sob quarentena na China²³. Ademais, a imagem de uma modelo brasileira confinada em sua residência em Xangai durante o isolamento²⁴ pode ter contribuído para despertar a empatia dos leitores brasileiros no âmbito do presente enquadramento.

No escopo da justificação, O Globo desenvolveu uma análise das razões subjacentes às medidas severas adotadas pela China. Argumentou-se que tais medidas foram motivadas por diversos fatores. Primeiro, o Partido Comunista Chinês (PCC) considera a ordem social como um valor central, o que o levou a preferir medidas rigorosas em vez de políticas mais abertas, devido à percepção de menor risco associado ao controle²⁵. Em segundo lugar, a desigualdade regional no sistema de saúde chinês era considerada um fator relevante²⁶. Além disso, o regime autoritário em si facilitou a implementação de medidas de controle sobre a população²⁷, e para mais, o PCC tratava o controle da epidemia como um critério para avaliar o desempenho dos quadros, o que resultou na manutenção da vigilância em todo o país²⁸.

O jornal reconheceu os efeitos positivos das medidas chinesas, incluindo a rápida contenção da pandemia²⁹, a salvação de vidas e o apoio à economia³⁰. No entanto, também foi apontado que, durante o confinamento, alguns cidadãos enfrentaram dificuldades de subsistência, e medidas excessivas resultaram em retrocessos econômicos e insatisfação popular³¹.

Em relação ao apelo a princípios, O Globo destacou dois pontos de vista distintos. Por um lado, no início, houve apelo para aprender com a rápida contenção feita pela China³². Por outro, em editoriais publicados posteriormente, em meio à pandemia, apelou-se que o país intensificasse a vacinação e buscasse um equilíbrio entre controle e normalização³³, para evitar que o mundo pagasse um preço alto demais pela estratégia extrema dos chineses³⁴.

5.3 Propaganda da vitória

O enquadramento de “propaganda da vitória”, que remete ao uso do sucesso na contenção da pandemia como propaganda da China, emergiu após o rápido controle da primeira onda epidemiológica em Wuhan e em toda a China, em 2020. O quadro 3 ilustra o pacote interpretativo em torno deste enquadramento.

Quadro 3

O enquadramento de “propaganda da vitória”

Enquadramento	Propaganda da vitória
Metáfora	1. Wuhan se tornou monumento de vitória; 2. Xangai como vitrine do sucesso da ação chinesa contra a pandemia.
Exemplo	1. A China passou a enviar autoridades no assunto para outras nações após ver o número de casos cair significativamente em seu território; 2. A celebração da vitória contra a pandemia ganhou dimensões épicas na exibição que ocupava um espaço de 70 mil metros quadrados na periferia de Wuhan.
Slogan	1. Sucesso da ação chinesa contra a pandemia; 2. Troféu do governo no combate ao vírus; 3. Superioridade do regime.
Dispositivos de enquadramento	<p>Representação</p> <p>1. O governo de Xi buscava capitalizar em cima de seu sucesso no controle da pandemia, transformando-o em uma ferramenta de <i>soft power</i> e oferecendo auxílio técnico e financeiro a diversos países; 2. A preocupação sanitária tornou-se também uma prioridade diplomática, para mostrar ao mundo a superioridade do sistema chinês na contenção do vírus; 3. O sucesso na contenção do vírus virou não apenas trunfo para estimular o patriotismo entre os chineses, mas também para projetar o país internacionalmente como modelo de eficiência na competição com o Ocidente.</p>
Imagem	 <p>1.  2. </p>
Dispositivos de justificção	<p>Causa</p> <p>1. O êxito era motivo de orgulho nacional; 2. Havia o intuito de repaginar a imagem desfavorável do início da crise; 3. Pretendia projetar a China internacionalmente como modelo de eficiência na competição com o Ocidente; 4. Tentava mostrar ao mundo a superioridade do sistema chinês na contenção do vírus.</p> <p>Efeito</p> <p>1. Criou uma armadilha em que um recuo seria sinônimo de derrota política; 2. Temia-se que a divulgação da vitória ocorresse às custas de um acobertamento da real extensão dos danos.</p> <p>Apelo a princípio</p> <p>1. Evitar a armadilha do sucesso; 2. A China devia retratar a situação real da pandemia.</p>

Fonte: O Globo

Neste contexto, o jornal revelou que as cidades como Wuhan e Xangai funcionaram como exemplos de monumentos e vitrines do sucesso chinês no combate à epidemia³⁵. A propaganda governamental se deu pela mobilização de equipes médicas, fornecimento de materiais de proteção, exportação de vacinas aos países necessitados, bem como pela instalação de exposições sobre o combate à epidemia. Os slogans desse enquadramento foram os da propaganda que a China promoveu para ressaltar a vitória no combate à pandemia, assim com a superioridade do regime chinês. O jornal revelou que a máquina de propaganda chinesa exaltou a estratégia de “covid zero” como prova da superioridade da liderança do PCC e do presidente Xi, transformando-a numa ferramenta de *soft power*³⁶. Em termos de imagens publicadas no jornal, destacaram-se o envio de materiais de proteção para o exterior³⁷ e a imagem do presidente chinês como comandante na exposição relativa à vitória contra o vírus³⁸.

No âmbito da justificação, foi observado que, além de promover um senso de orgulho nacional, os motivos por trás de tal propaganda eram principalmente de natureza política. Isso incluiu a intenção de reverter a imagem negativa do país durante a fase inicial da epidemia³⁹, projetar internacionalmente a China como um modelo de eficiência em comparação com o Ocidente⁴⁰, e demonstrar ao mundo a superioridade do sistema chinês na contenção do vírus. No entanto, essa abordagem de empregar a vitória no combate à epidemia como peça central da propaganda podia resultar em efeitos adversos, como a “armadilha da vitória”⁴¹, na qual qualquer retrocesso nessa estratégia seria interpretado como uma derrota política⁴². Além disso, havia o receio de que a divulgação da vitória fosse feita à custa de ocultar a verdadeira extensão dos danos⁴³. Dentro deste quadro, houve um apelo moral para evitar a armadilha da vitória, bem como divulgar precisamente a situação epidemiológica na China.

5.4 Crise da “covid zero”

Este enquadramento relativo à controvérsia em torno da política “covid zero” emergiu após o alastramento da variante Ômicron em 2022, o qual compeliu o governo chinês a implementar medidas de prevenção e controle rigorosas e prolongadas, acarretando uma insatisfação generalizada na sociedade. O quadro seguinte representa a análise deste enquadramento.

Quadro 4

O enquadramento de “Crise da ‘covid zero’”

Enquadramento	Crise da “covid zero”
Metáfora	<ol style="list-style-type: none"> 1. Batalha intransigente; 2. Um técnico de futebol que só sabe se defender.
Exemplo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vídeos nas redes sociais chinesas mostraram pessoas vestindo trajes de proteção sendo confrontadas por moradores de um condomínio que gritavam: “Mandem provisões”. Houve muitas reclamações no Weibo, o Twitter chinês; 2. Protesto de trabalhadores em Foxconn em Zhengzhou; 3. Em Cantão, trabalhadores imigrantes protestaram, após serem confinados por mais de três semanas, contra a escassez de comida; 4. O maior protesto ocorreu no sábado em Xangai, onde entre 500 e mil pessoas, a maioria jovens, se reuniram em um cruzamento da Rua Urumqi, para homenagear vítimas da tragédia com velas e cartazes; 5. Houve manifestação no campus da Universidade Tsinghua, em Pequim, onde estudantes estavam impedidos de sair por causa de restrições pandêmicas.
Slogan	<ol style="list-style-type: none"> 1. Não queremos testes PCR, queremos liberdade; 2. Urumqi; 3. Estado de direito e liberdade de expressão.
Dispositivos de enquadramento	<ol style="list-style-type: none"> 1. Panelaços e gritos nas janelas eram rotina nas noites de Xangai nas últimas semanas; 2. Nos protestos, a revolta foi resumida com gritos de “Urumqi”, a cidade onde ocorreu o incêndio; 3. Muitos manifestantes seguravam folhas de papel em branco sobre a cabeça; 4. Os manifestantes acendendo velas, cantando o hino nacional e pedindo “não queremos testes PCR, queremos liberdade”.
Representação	
Imagem	<ol style="list-style-type: none"> 1.  2. 
Causa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Falhas logísticas e de comunicação das autoridades; 2. Escassez de alimentos e de medicamentos durante a quarentena; 3. Os ciclos intermináveis de testes; 4. Cansaço e questionamentos a respeito de por quanto tempo mais a estratégia podia continuar.
Dispositivos de justificacão	
Efeito	<ol style="list-style-type: none"> 1. Afetou a popularidade do presidente Xi; 2. O governo chinês anunciou drasticamente relaxamento geral de restrições contra covid.
Apelo a princípio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Seria necessário reconhecer o erro, cuidar de imunizar a população que faltava e rever a política sanitária; 2. Comedimento diante dos protestos.

Fonte: O Globo

O jornal metaforizou o controle chinês como uma guerra intransigente e, nessa circunstância, o colunista e correspondente Mar-

celo Ninio adotou um tom crítico comparando essa abordagem obstinada a um técnico de futebol que só sabe se defender⁴⁴. O jornal reportou, nesse quadro, uma série de acontecimentos que ilustraram a controvérsia sobre tal política extrema, dando ênfase aos protestos dos trabalhadores na fábrica Foxconn em Zhengzhou, as manifestações de migrantes em Guangzhou, um protesto de grande escala em Xangai em memória das vítimas do incêndio em Urumqi, e os protestos dos estudantes na Universidade Tsinghua^{45,46}. As matérias citaram slogans de diversas manifestações, como “não queremos testes PCR, queremos liberdade” e “estado de direito e liberdade de expressão”⁴⁷. Ademais, o jornal representou o descontentamento da sociedade com as medidas excessivas e a repressão da liberdade mediante os pênaltos e gritos dos cidadãos durante o confinamento em Xangai⁴⁸, assim como a exibição de folhas brancas como forma de protesto durante as manifestações⁴⁹. As imagens relacionadas foram compostas pela resistência da população contra os agentes de controle⁵⁰ e pela detenção de manifestantes pela polícia⁵¹, refletindo a atmosfera tensa na sociedade chinesa.

O Globo identificou várias causas primordiais para o descontentamento social em relação à política “covid zero” a partir de 2022. Entre elas, destacaram-se a insuficiência na provisão de alimentos e medicamentos durante os períodos de quarentena, a comunicação deficiente entre o governo e a população, os incessantes testes de ácido nucleico, o cansaço generalizado com as medidas restritivas, além das incertezas quanto à continuidade dessa política. A análise das consequências sugeriu que a insatisfação com a “covid zero” pudesse afetar o apoio popular ao governo de Xi⁵². Além disso, os protestos em diversas regiões resultaram em uma mudança abrupta na política sanitária, levando o governo a amenizar as restrições. Dentro desse quadro, os textos analisados de O Globo defenderam a reavaliação da política de “covid zero” na China. Ademais, o jornal citou o apelo do alto comissariado da Organização da Nações Unidas para os Direitos Humanos para que as autoridades chinesas atuassem com moderação no tratamento dos manifestantes⁵³.

5.5 Censura rigorosa

Diferentemente dos quadros supracitados que surgiram em distintas épocas da crise sanitária, o enquadramento de “censura

rigorosa” permaneceu constante ao longo de toda a cobertura sobre a pandemia na China. Este enquadramento ressaltou a rigidez do controle amplamente existente na sociedade chinesa, como revela o quadro 5.

Quadro 5

O enquadramento de “censura rigorosa”

Enquadramento	Censura rigorosa
Metáfora	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cerco à mídia; 2. Muralha de censura oficial; 3. Opacidade das informações como névoa da guerra; 4. As brechas para expor fatos inconvenientes foram logo fechadas; 5. Folha em branco.
Exemplo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Li Jingliang foi interrogado e obrigado a assinar uma declaração que definia sua advertência sobre o novo vírus como um boato infundado. Muitos dos que questionaram a atuação do governo tiveram suas contas no Wechat (versão chinesa do WhatsApp) suspensas; 2. No início do abril de 2022, o portal independente Caixin revelou que vários pacientes de um hospital para idosos em Xangai haviam morrido depois de não receberem tratamento adequado porque a equipe de cuidadores havia sido retirada para cumprir quarentena. A reportagem só ficou uma hora no ar antes de ser removida; 3. Postagens sobre escassez de medicamentos e manipulação de preços durante os isolamentos também foram removidas, de acordo com o monitor de censura GreatFire.org.
Dispositivos de enquadramento	
Slogan	<ol style="list-style-type: none"> 1. Censura; 2. Falta de transparência.
Representação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Um profissional de imprensa disposto a assumir os riscos pode cobrir a guerra na Ucrânia <i>in loco</i>, mas não a quarentena em Xangai; 2. O isolamento levou a um jogo de gato e rato entre censores e usuários de mídia social que se esforçavam para manter as evidências das dificuldades circulando na rede; 3. Tampouco houve qualquer menção na mídia estatal à onda de manifestações contra a política de “covid zero”.
Imagem	<ol style="list-style-type: none"> 1.  2. 
Causa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Na China a imprensa é majoritariamente estatal e opera sob censura; 2. Censura visa evitar macular a imagem do país.
Dispositivos de justificacão	
Efeito	<ol style="list-style-type: none"> 1. O país foi alvo de críticas por falta de transparência por Organização Mundial da Saúde (OMS); 2. Protestos que reivindicavam liberdade de expressão.
Apelo a princípio	<ol style="list-style-type: none"> 1. A China devia informar a verdadeira situação pandêmica. 2. A voz do povo precisa ser ouvida.

Fonte: O Globo

O Globo adotou tal enquadramento que metaforicamente comparou a censura oficial a uma muralha ou cerco à mídia⁵⁴, e, semelhantemente, a opacidade das informações sobre a pandemia foi equiparada a névoa da guerra⁵⁵. Um aspecto notável é que o uso de folhas em branco durante os protestos também constitui uma metáfora significativa para a condição de uma sociedade impossibilitada de se expressar. Dentro desse quadro, o jornal destacou alguns fatos, tais como a obrigação de Li Jingliang para a assinatura de uma declaração que definia sua advertência sobre o novo vírus como um boato infundado⁵⁶, o bloqueio das contas de internautas críticos e a remoção de reportagem negativa sobre quarentena do site Caixin⁵⁷. “Censura” e “falta de transparência” emergiram como palavras-chave. Na representação, a possibilidade maior de cobrir a guerra na Ucrânia em relação à pandemia em Xangai⁵⁸ foi utilizada como um contraste para ilustrar, de forma sarcástica, a severidade da censura na China. As fotografias publicadas pelo jornal, de manifestantes segurando folhas em branco^{59,60}, constituíram a materialização visual deste enquadramento noticioso.

No arcabouço analítico, O Globo identificou que a falta de transparência na China decorre do fato de que a imprensa é predominantemente estatal e opera sob um regime de censura rigoroso⁶¹. Além disso, para preservar a imagem do país, a China raramente divulga notícias desfavoráveis. As consequências desta situação se tornaram visíveis nas críticas direcionadas ao país pela OMS, acusando-o de falta de transparência, e nas manifestações populares onde cidadãos reivindicaram a liberdade de expressão⁶². Este quadro se fundamentou em dois princípios centrais: a necessidade de uma cobertura verídica e transparente da pandemia e a exigência de que a voz do povo fosse ouvida.

6 Conclusão

O Globo se dedicou a acompanhar a sociedade chinesa de 2020 a 2023, monitorando de perto a evolução pandêmica no país e reportando praticamente todos os marcos importantes desse tempo. Além de relatar conteúdos negativos sobre o gigante asiático, o jornal não deixou de reconhecer os esforços e resultados positivos da China no combate à pandemia. No

uso de dispositivos simbólicos, O Globo empregou de forma abrangente metáforas, exemplos, slogans, representações e imagens para a construção das molduras narrativas, resultando assim em enquadramentos completos e específicos. Neste estudo, abordamos os seguintes enquadramentos: “pandemia severa”, “medidas draconianas”, “propaganda da vitória”, “crise da ‘covid zero’” e “censura rigorosa”. Esses quadros estão inter-relacionados e, em certa medida, são causalmente ligados. Com o passar do tempo, os primeiros quatro enquadramentos emergiram de forma sucessiva, sendo que o enquadramento “medidas draconianas”, enquanto consequência, quase coincidiu com “pandemia severa”. O enquadramento “censura rigorosa”, por sua vez, permaneceu constante ao longo de todo o período analisado. Os enquadramentos “propaganda da vitória” e “censura rigorosa” refletiram a perspectiva do “outro” e os valores de democracia e liberdade da própria mídia brasileira, contrastando claramente com a imprensa chinesa, que se encontra majoritariamente estatal e opera sob censura oficial, portanto, prefere elogio a crítica.

Por fim, estudar a cobertura da mídia brasileira sobre a China é crucial para a compreensão da imagem da China no Brasil, dado que a mídia é uma fonte informativa de relevância sobre o que ocorre na China para o público brasileiro. No entanto, devido à complexidade do tema de imagem nacional, são necessárias outras pesquisas para explorar de maneira ainda mais abrangente essa questão. A limitação do presente estudo reside em que a nossa análise foi desenvolvida apenas no âmbito de análise de conteúdo jornalístico. As pesquisas futuras, portanto, convém que incluam análise de recepção, que seja vantajosa em oferecer percepções mais profundas do impacto dessas matérias na visão dos leitores brasileiros sobre a China, no afã de estudar a fundo as imagens chinesas no Brasil a partir da perspectiva jornalística.

NOTAS

- 1 Trata-se do correspondente Marcelo Ninio, que iniciou as suas funções para O Globo na China em outubro de 2020. Ver: Ninio,

- M. (2020, outubro 14). De Pequim, Marcelo Ninio estreia coluna no Globo. O Globo, p. 31.
- 2 O Globo. (2020, fevereiro 4). Mortes por novo vírus superam as da Sar na China. O Globo, p. 23.
 - 3 Grillo, M. (2020, fevereiro 10). Repatriados: Grupo chega da China a base aérea para quarentena contra coronavírus. O Globo, p. 25.
 - 4 O Globo. (2020, fevereiro 11). China tenta retomar a normalidade: País volta de feriado prolongado com ruas ainda vazias e recorde de mortos. O Globo, p. 23.
 - 5 Souza, A. de, Gullino, D., & Macedo, I. (2020, fevereiro 6). Voos para Wuhan: Aviões partem para buscar brasileiros. O Globo, p. 30.
 - 6 O Globo. (2020, janeiro 29). Multinacionais restringem viagens de negócio à China. O Globo, p. 22.
 - 7 O Globo. (2020, janeiro 26). Presidente chinês diz que epidemia “está acelerando”. O Globo, p. 32.
 - 8 O Globo. (2022, abril 6). Xangai estende quarentena por covid a 26 milhões. O Globo, p. 20.
 - 9 O Globo. (2022, março 17). Surto da Ômicron faz China aumentar número de leitos. O Globo, p. 18.
 - 10 O Globo. (2023, janeiro 15). China registra quase 60 mil mortes por covid em um mês. O Globo, p. 23.
 - 11 O Globo. (2020, janeiro 28). OMS aumenta alerta contra epidemia: País preparam retirada de cidadãos das zonas de risco de contágio. O Globo, p. 21.
 - 12 Garcia, R. (2020, março 4). Ciência em conflito: Pesquisadores questionam informações da China sobre a epidemia do novo coronavírus. O Globo, p. 36.
 - 13 O Globo. (2022, dezembro 29). Na China, médicos trabalham infectados por demanda de covid. O Globo, p. 18.
 - 14 Rónai, C. (2020, janeiro 30). Mercado de horrores. O Globo, p. 6.

- 15 Veja 15.
- 16 Figueiredo, J. (2022, abril 27). Xangai parece uma cidade em guerra, mas sem armas. O Globo, p. 20.
- 17 Ninio, M. (2022, maio 7). Quando a quarentena bate à porta em Pequim. O Globo, p. 22.
- 18 O Globo. (2021, agosto 5). China pune funcionários locais por um aumento de casos de covid. O Globo, p. 20.
- 19 Ninio, M. (2020, dezembro 22). Novos casos após 133 dias mudam vida em Pequim. O Globo, p. 26.
- 20 Ninio, M. (2022, maio 19). China: surto de covid leva a questionamentos da ação oficial. O Globo, p. 18.
- 21 Veja 16.
- 22 O Globo. (2022, março 28). Xangai fará confinamento em duas fases contra COVID. O Globo, p. 22.
- 23 Ninio, M. (2022, abril 26). Chineses temem que quarentenas se espalhem. O Globo, p. 22.
- 24 Veja 16.
- 25 Ninio, M. (2021, novembro 30). Para a China, a prova de que política de “covid zero” compensa. O Globo, p. 20.
- 26 Veja 17.
- 27 Ninio, M. (2022, novembro 20). China muda política de “covid zero” para manter controle sob controle. O Globo, p. 24.
- 28 Ninio, M. (2022, abril 8). A “batalha decisiva” da China contra a covid-19. O Globo, p. 18.
- 29 O Globo. (2020, outubro 13). Cidade chinesa testará 9,4 milhões de pessoas em 5 dias. O Globo, p. 20.
- 30 Martim, G. (2020, outubro 20). PIB da China cresce 4,9% no terceiro trimestre. O Globo, p. 30.

- 31 O Globo. (2022, maio 5). Covid-19: Pequim fecha 15% do metrô e 158 rotas de ônibus. O Globo, p. 18.
- 32 Ninio, M. (2020, outubro 20). País já vive a realidade pós-COVID. O Globo, p. 30.
- 33 Ninio, M. (2022, agosto 30). O mal-estar chinês. O Globo, p. 22.
- 34 O Globo. (2022, abril 28). Mundo pagará caro pela insistência chinesa na estratégia “covid zero”. O Globo, p. 2.
- 35 Ninio, M. (2022, abril 8). A “batalha decisiva” da China contra a covid-19. O Globo, p. 18.
- 35 AFP. (2022, dezembro 25). Mídia oficial chinesa esconde gravidade de surto de covid. O Globo, p. 20.
- 36 Duchiaide, A. (2020, março 20). Cortina de fumaça diplomática pode custar vidas. O Globo, p. 30.
- 37 Ninio, M. (2020, novembro 29). Entre a propaganda da vitória e a rebeldia da cena Rock. O Globo, p. 58.
- 38 Veja 25.
- 39 Ninio, M. (2022, abril 8). A “batalha decisiva” da China contra a COVID-19. O Globo, p. 18.
- 40 Ninio, M. (2021, agosto 27). Após domar surto de Delta, China questiona “covid zero”. O Globo, p. 32.
- 41 Ninio, M. (2022, novembro 20). China muda política de “covid zero” para manter controle sob controle. O Globo, p. 24.
- 42 O Globo. (2020, abril 18). China revê números: Recontagem em Wuhan eleva em quase 40% mortes de covid-19 no país. O Globo, p. 13.
- 43 Ninio, M. (2022, novembro 29). Protestos tentam furar a retranca chinesa. O Globo, p. 18.
- 44 New York Times. (2022, novembro 25). Um teste para Xi: Em desafio a líder, protestos contra política de “covid zero” se espalham pela China. O Globo, p. 21.

- 45 O Globo. (2022, novembro 30). China reforça segurança e busca reduzir desagrado com “covid zero”. O Globo, p. 33.
- 46 O Globo. (2022, novembro 28). Cansaço da “covid zero”: atos antiquarentena se espalham na China após incêndio mortal. O Globo, p. 22.
- 47 Ninio, M. (2022, abril 26). Chineses temem que quarentenas se espalhem. O Globo, p. 22.
- 48 Veja 47.
- 49 Ninio, M. (2022, abril 16). Xangai, a versão pandêmica da “névoa da guerra”. O Globo, p. 16.
- 50 O Globo. (2022, novembro 29). Morde e sopra chinês: Governo aumenta policiamento onde houve atos, e algumas cidades suavizam medidas anti-covid. O Globo, p. 17.
- 51 New York Times. (2022, novembro 25). Um teste para Xi: Em desafio a líder, protestos contra política de “covid zero” se espalham pela China. O Globo, p. 21.
- 52 O Globo. (2022, novembro 29). Morde e sopra chinês: Governo aumenta policiamento onde houve atos, e algumas cidades suavizam medidas anti-covid. O Globo, p. 17.
- 53 Ninio, M. (2020, abril 18). A revista chinesa que furou o cerco à mídia. O Globo, p. 16.
- 54 O Globo. (2022, novembro 29). Morde e sopra chinês: Governo aumenta policiamento onde houve atos, e algumas cidades suavizam medidas anti-covid. O Globo, p. 17.
- 55 O Globo. (2020, fevereiro 7). Morre o descobridor do novo vírus. O Globo, p. 31.
- 56 Veja 50.
- 57 Veja 50.
- 58 Veja 44.
- 59 Veja 47.

60 Veja 50.

61 O Globo. (2023, janeiro 26). Mortes e casos graves de covid caem 70% na China. O Globo, p. 17.

REFERÊNCIAS

Bateson, G. (1955). A Theory of Play and Fantasy. *Psychiatric Research Reports*, 2, 39–51. Recuperado de https://www.academia.edu/3630780/Bateson_Gregory_A_Theory_of_Play_and_Fantasy

Botelho, M. A., Oliveira, L. A., & Gomes, A. (2020). Enquadramento noticioso da covid-19: Uma análise das narrativas do *Jornal Nacional* sobre a pandemia do coronavírus. In C. M. Fernandes; C. R. Longhi; L. A. de Oliveira; P. R. F. Leal (Orgs.) *A infodemia da covid-19 na mídia*, (pp. 85–104). Multifoco.

Chen, X. (2020). *Imagens da China no Brasil: Representação cultural e produção discursiva do Fantástico (2008-2018)* [Dissertação de mestrado]. Biblioteca da Escola de Comunicação da UFRJ.

Cheng, J. (2021). Image of China in U.S. Mainstream Media: A Public Opinion Research on NYT's China-related Reports. *Intelligence Magazine*, 40(11), 80–86. DOI: 10.3969/j.issn.1002-1965.2021.11.012

Cruz, N. dos R. (2023). O pensamento olavista sobre a nova ordem internacional. *Revista Tempo e Argumento*, 15(39), e0201. DOI:10.5965/2175180315392023e0201

Entman, R. M. (1993). Framing: Toward a clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51–58. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x

Freitas, M. O. de. (2014). *The image of China in Brazil: a case study under production and reception spheres* [tese de doutorado não publicada]. Fudan University.

Gaiotto, F. C. (2019). O Brasil e suas várias 'Chinas': Ou de como o intelectual brasileiro apreende a China. *Journal of Latin American Studies*, 4, 40–59. Recuperado de <https://ldmzyj.ajcass.com/UploadFile/Issue/uitzegks.pdf>

Gamson, W. A. (1988). A constructionist approach to mass media and public opinion. *Symbolic Interaction*, 11(2), 161–174. DOI: 10.1525/si.1988.11.2.161

Gamson, W. (1992). *Talking politics*. Cambridge University Press.

Gamson, W., & Modigliani, A. (1989). Media discourse and public opinion on nuclear power: A constructionist approach. *American Journal of Sociology*, 95(1), 1–37. Recuperado de www.jstor.org/stable/2780405

Gitlin, T. (1980). *The whole world is watching*. University of California Press.

Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press.

He, J. (2020). *A study of China's national image constructed by the Pashto China-related reports of Afghan mainstream network media from the perspective of discursive illusions* [Tese de Doutorado]. Information Engineering University.

Huang, Q. (2021). Discourse prejudice of American mainstream media on China's national image: Illustrated by the China-related reports during the outbreak of covid-19. *Foreign Language and Literature*, 37(04), 85–96. DOI:10.3969/j.issn.1674-6414.2021.04.011

Kastner, S. L., & Pearson, M. M. (2021). Exploring the parameters of China's economic influence. *Studies in Comparative International Development*, 56(1), 18–44. DOI: 10.1007/s12116-021-09318-9

Li, X., & Liu, W. (2021). China's image constructed in Le Monde during the covid-19 pandemic. *French Studies*, 120(01), 101–112. DOI: 10.3969/j.issn.1002-0888.2021.01.011

Liu, Y. (刘颖). (2021). 拉美媒体视野下的中国形象——基于对“中国疫苗”报道的分析 [China's image from the perspective of Latin American media: An analysis based on reports about “Chinese vaccines”]. 对外传播 [Internacional Communications], 27(07), 77–80. Recuperado de <https://xueshu.baidu.com/usercenter/paper/show?paperid=1h730g30wm7v08x0ma170e40cv065721>

Marques, R. de C., Silveira, A. J. T., & Pimenta, D. N. (2020). A pandemia de covid-19: Interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente. In T. S. Reis, C. M. de Souza, M. P. Oliveira, & A. A. de L. Júnior (Orgs.), *Coleção História do Tempo Presente* (pp. 85 – 104). Editora UFRF.

Nunes, K. D. C. L. (2022). *Imagens da China a partir de fake news sobre a covid-19: Orientalismo na era da pós-verdade* [dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório da Universidade de Lisboa.

Pan, Z. (2006). 架构分析：一个亟需理论澄清的领域 [Architectural analysis: A field in desperate need of theoretical clarification]. [Journal of Communication and Sociological Research],

1, 17–46. Recuperado de <https://cschinese.com.cuhk.edu.hk/word/1814162024.pdf>

Pennaforte, C., Schierholt, K., & Bones, N. (2020). A crescente influência chinesa no cenário global: Algumas percepções. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 4(12), 45–48. DOI: 10.5281/zenodo.4252761

Sacramento, I., Monari, A. C. P., & Chen, X. (2020). O vírus do morcego: Fake news e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da COVID-19. *Comunicação & Inovação*, 21(47), 82–98. DOI: 10.13037/ci.vol21n47.7285

Urbano, K. C. L., Araújo, M. S. L. P. de, & Melo, M. E. P. de. (2020). Orientalismo em tempos de pandemia: Discursos sobre a China no jornalismo brasileiro. *Rizoma*, 8(1), 106–122. DOI: 10.17058/rzm.v1i1.15231

Wang, L. M., Mou, C. F., & Lu, D. D. (2016). Changes in driving forces of geopolitical evolution and the new trends in geopolitics studies. *Geographical Research*, 35(1), 3–13. DOI:10.11821/dlyj201601001

Wang, C. (2022). *Research on the reporting framework of COVID-19 in China Newsweek* [dissertação de mestrado não publicada]. Jilin University.

Wu, D. (2014). *Study on Chinese national image present in Vietnam's Nhandan Online (2003–2012)* [tese de doutorado não publicada]. East China Normal University.

Xu, Y. (2022). *Research on the construction of China's national image in German media during Merkel's period from the perspective of political symbolism theory (2006–2021)* [tese de doutorado, não publicada]. Beijing Foreign Studies University.

Yan, L. (2017). *Study of China's image based on Brazilian mainstream media - Folha de São Paulo (2004–2016)* [dissertação de mestrado não publicada]. Beijing Foreign Studies University.

Zang, G. (1999). 新聞媒體與消息來源：媒介框架與真實建構之論 [News media and sources: A discussion on media framing and the construction of reality]. Sanmin Book.

XUEWU CHEN. Doutorando em Português pela Universidade Politécnica de Macau. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tradutor português-mandarim. Desenvolve pesquisas sobre imagem chinesa, mídia brasileira e estudos culturais. Autor do artigo “O vírus do morcego: fake news e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da covid-19”. E-mail: chanhokmo@gmail.com